

A EDUCAÇÃO CALCADA NO PENSAR: UMA FORMA DE COMBATE AO FENÔMENO DA BANALIDADE DO MAL

EDUCATION BASED ON THINKING: A WAY TO COMBAT THE PHENOMENON OF THE BANALITY OF EVIL

Jaciel Rossa Valente*
Thais Pacievitch**

RESUMO

O presente artigo pretende explorar o pensamento de Hannah Arendt no que concerne à Educação e *banalidade do mal*. Busca uma possibilidade arendtiana, fundada na Educação, de combate ao fenômeno do mal. Investiga o pensamento como possibilidade, centrado numa revisão bibliográfica temática e no método *modus ponens*. Como resultado, foram encontrados: a Educação arendtiana como responsável na introdução das crianças no complexo da *vita activa*; a *banalidade do mal* como fenômeno de destruição do mundo e dos sujeitos; e o pensar, dado seu potencial por sua característica intrínseca de problematização da realidade. Conclui-se, a partir dos conceitos arendtianos, que o pensar se faz mister numa Educação pautada no combate a *banalidade do mal*.

Palavras-chave: Educação. Hannah Arendt. Banalidade do mal. Pensar.

ABSTRACT

The present article intend to explore the thought of Hannah Arendt about Education and the *banality of evil*. It is searched for the possibility arendtiana established on Education, combat the harmful phenomenon. It investigates the thought as a possibility, focused on theme bibliographic review and the method *modus ponens*. To the result was found: the arendtiana Education like responsibility in complex *vita activa* children introduction; the banality of evil like destruction phenomena of the world and the subjects; and the think, by inherent of reality problematization characteristic. In the end, according to arendtianos concepts, that the think is mister in Education based to combat the *banality of evil*.

Keywords: Education. Hannah Arendt. Banality of evil. Think.

Introdução

O artigo em tela tem o intuito de explorar uma ligação entre três temas que Hannah Arendt, a cientista política, desenvolve individualmente, a princípio. São eles a Educação, pensar e *banalidade do mal*. Destarte, a problemática estabelecida foi como uma Educação voltada para o pensar pode combater a *banalidade do mal*? Deste modo,

* Graduando de Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Endereço eletrônico. jacielvalente@gmail.com

** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Endereço eletrônico. thais.pacievitch@grupomarista.org.br

examinou-se a compreensão de Educação e *banalidade do mal* em Arendt, analisando, para tanto, a relação entre o pensar, Educação e *banalidade do mal*.

Essa pesquisa, de cunho exploratório, parte da premissa de que a Educação, quando calcada na atividade do pensar, torna-se um instrumento de combate ao fenômeno da *banalidade do mal*, característico do tempo hodierno¹, que desperta grandes implicações e reflexões, inclusive no âmbito da Educação. Concordando com Silva (2015), a *banalidade do mal* é também um problema da Educação, não somente da política ou das atividades espirituais. Outro pressuposto teórico, fundamental para a investigação, reside na intenção de estabelecer essa ligação, não visível, de início, dentro do pensamento arendtiano.

Assim, demarcam-se duas etapas metodológicas. A primeira, como pedra basilar, é a revisão bibliográfica temática, a qual, segundo Severino (2007), fundamenta uma revisão focada na temática, em vez de ano ou autores. A segunda etapa consistiu no emprego do método dedutivo, centrado no *modus ponens* de Lakatos e Marconi (2003). Tal consiste em selecionar enunciados, depois desdobrá-los em preposições condicionadas. Ambas as etapas têm por finalidade atingir os objetivos e responder a problemática.

No contexto da vida e da obra de Hannah Arendt, os temas a serem interligados não foram concebidos ao mesmo momento. A reflexão sobre a Educação despontou no ensaio *A crise da educação* (2016), no final da década de 1950, enquanto o tema da *banalidade do mal* surgiu no livro *Eichmann em Jerusalém* (1999), em 1963. O aprofundamento da temática do pensamento, por sua vez, deu-se com a obra *Vida do espírito*² (2017) em 1977. Assim, as três obras constituem a base teórica da pesquisa em questão.

Demarcar a posição desta pesquisa no âmbito científico é ponto interessante. Tradicionalmente, ao tratar de educação, não era comum Arendt relacionar o assunto à *banalidade do mal*. Inicialmente, a educação era pensada por ela a partir da relação com o mundo, partindo das obras *Entre o passado e o futuro* e *El concepto de amor em San Agustín* (2009). Posteriormente, as pesquisas baseadas na obra arendtiana focadas na

¹ O termo *banalidade do mal* apareceu como subtítulo do livro *Eichmann em Jerusalém*, publicado em 1963. A priori, se trata de um conceito cunhado para analisar a relação dos regimes totalitários com os sujeitos. Porém, os pesquisadores contemporâneos como Milovic (2014) e Saaditosi (2017) consideram como um fenômeno que permanece na sociedade hodierna, ou seja, que sobreviveu aos regimes totalitários do início do século XX.

² Livro publicado após a sua morte. Divido em três volumes: pensar, querer e julgar. No qual somente o primeiro volume estava finalizado.

Educação dividiram-se em duas. A primeira foi voltada para a interligação da Educação e da *ação*, aparecendo nos trabalhos de Almeida (2010, 2011) e Petry (2019), por exemplo. A segunda, direcionada para a interligação da Educação e do pensar, surge nos artigos de Andrade (2010) e Leite (2012). Optou-se por seguir a segunda linha investigativa, acrescentando o problema da *banalidade do mal*. Todavia, isso não implica em que, nas reflexões, não haja diálogo entre as duas vertentes, porque o fundamento é o pensamento de Hannah Arendt, sugerindo colaboração. O que ocorre é apenas um enfoque diferente.

O artigo se estrutura em três etapas, a) apresentação da concepção arendtiana de Educação; b) descrição e delimitação do conceito *banalidade do mal*; c) articulação do pensar na Educação, fazendo frente à *banalidade do mal*.

Um panorama do pensamento de Hannah Arendt e sua concepção de Educação

Hannah Arendt, no decorrer de sua carreira, destinou esforços para compreender a vida política, tendo como princípio, a natalidade. O nascimento engendra a pluralidade, que é “a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDR, 2001, p. 16). Significa dizer que a natalidade, por germinar a pluralidade, atua como uma lei sobre todos os seres humanos. Dessa forma, a pluralidade, ou seja, cada sujeito possui a ação como atividade fundamental.

A condição humana comporta três atividades: ação, trabalho e *labor*. Quando essas atividades partem do princípio da coletividade, acabam por integrar o conjunto da *vita activa*, ou “a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo” (ARENDR, 2001, p. 31). O fazer algo está voltado para o convívio e manutenção do mundo (ARENDR, 2012). Só pode ser realizado mediante a ação, que é a capacidade de iniciar algo novo no mundo e precisa, para ser efetivada, da união de iguais dentro de um espaço público.

Da união e da ação de iguais nasce o poder, sendo esse o fator indispensável para sua produção (ARENDR, 2010). Saaditos (2017, p. 146) indica que “Arendt nos ensinou que o poder político se refere ao coletivo, pressupõe relações de consenso e se legitima no consentimento do povo”. Automaticamente, qualquer forma de violência ou violação pressupõe a desintegração da ação, da união e do poder.

Todavia, nem toda reunião de sujeitos leva de fato à geração de poder e efetivação da ação. Os homens precisam estar reunidos no espaço público, local em que, por excelência, os assuntos públicos se desenrolam (ARENDR, 2001). Para participar da tomada de decisões públicas, o sujeito precisa ser livre. A liberdade, para Arendt, é uma liberdade política que significa “participação nos assuntos públicos ou a admissão na esfera pública” (ARENDR, 2011, p. 61). Deste modo, “os homens *são* livres [...] enquanto agem, nem antes, nem depois; pois *ser* livre e agir são uma mesma coisa” (ARENDR, 2016, p. 199), noutras palavras, significa que a liberdade nasce a partir da ação em conjunta. Portanto, na visão de Arendt, ser livre é não estar preso a uma necessidade que lhe impeça de agir e debater assuntos públicos. Pensando no âmbito do complexo da *vita activa*, se o *labor* prepondera sobre as demais atividades, transforma o Ser em *animal laborans*. Tal situação acarreta a prisão do sujeito à necessidade. Assim, o Ser que, em sua liberdade política, participava dos assuntos públicos e exercia sua singularidade, quando labora passa “a ser mais um, qualquer um ou ninguém” (PATRY, 2019, p. 5), perdendo, junto com a liberdade, a ação.

Interessante notar que, para existir a liberdade, necessita-se, inevitavelmente, da política. Sendo assim, Arendt (2016, p. 192) afirma que “a *raison d’être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação”. Para a ação ser efetivada, além da união de iguais, demanda o discurso, tanto que “o pensamento político baseia-se, em essência, na capacidade de formação de opinião” (ARENDR, 2012, p. 30). A opinião é gestada por meio da experiência e do diálogo, que têm por base o discurso. Logo, a ação e o discurso tornam-se fundamentais para a política.

O pensamento arendtiano forma uma teia que almeja a *vita activa*. Assim, retorna-se ao tópico central da pluralidade e da ação, que é a vida do Ser levada à comunhão de iguais e manutenção do mundo, formando uma rede de inter-relações entre as três atividades fundamentais da condição humana e da *vita activa* — ação, *labor* e trabalho — e a esfera pública — poder, discurso, política e liberdade. Essa rede de atividades tem como cerne, a política, e como objetivo, a preservação do mundo.

O mundo para Hannah Arendt é o local em que os assuntos públicos são discutidos, onde a vida ocorre, a natureza é protegida, o passado é preservado e a vida singular de cada Ser Humano é afirmada (SILVA, 2013). Portanto, Arendt estabelece a Educação como ponte/preparação para cada sujeito adentrar a esfera pública e assumir as responsabilidades de proteger o mundo (ARENDR, 2016). Âmago, a Educação prepara a criança para entrar no complexo da *vita activa*.

“A essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDT, 2016, p. 222), ou seja, a educação concentra seus esforços na apresentação do mundo para “os novos” (crianças). Leite (2012, p. 84) afirma que “a educação é o espaço que se interpõe entre a primeira e a segunda natalidade, entre o espaço privado e o público”. Tal afirmação desdobra o pensamento arendtiano em dois sentidos: a Educação serve como ponte para o sujeito ingressar em seu segundo nascimento, que é a vida pública, espaço que revelará sua singularidade; a Educação é a interface entre a família e o espaço público, indicando que a Educação não tem sentido político, pois se afirma entre desiguais.

Segundo Arendt (2016, p. 225), “a educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados”. Versa, assim, de acordo com Carvalho (204), que educadores e discentes podem estar no postulado de igualdade de inteligência, mas não na igualdade de responsabilidade política pelo mundo. Aqui reside o fator de desigualdade contido na Educação arendtiana, a responsabilidade perante o andar do mundo. Cabe ao educador apresentar o mundo aos educandos, mostrar para a criança, eis aqui seu mundo, eis aqui sua força de transformá-lo e destruí-lo (ação) e eis aqui sua tarefa: ingressar na política para preservar o mundo.

Vale ressaltar que a escola não é o mundo e nem deve tentar ser. Ela é “a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível transição, de alguma forma, da família para o mundo” (ARENDT, 2016, 238). O docente, dentro da instituição escolar, deve “assumir a incumbência não apenas pelo desenvolvimento da criança, mas educá-la para amar o mundo” (SILVA, 2015, p. 153). Expressa a ideia de *amor mundi*, uma responsabilidade voltada para a preservação e manutenção do mundo que ultrapassa a política e marca seu início na formação das crianças.

Sendo assim, a “educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumir a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos” (ARENDT, 2016, p. 247). O ponto nodal da Educação, a responsabilidade pelo mundo, é efetivada mediante a apresentação e treinamento das crianças para o mundo e para a ação.

A intrigante reflexão sobre o mal de Arendt, a princípio, não está vinculada à Educação. Na sua complexa reflexão e investigação, a *banalidade do mal* pressupõe a destruição do mundo. A partir do viés de Educação arendtiana, a destruição do mundo/sujeitos implica na falha/derrota da Educação. Assim, no que tange à Educação,

é essencial compreender o conceito da *banalidade do mal* para investigar meios educacionais de caráter arendtiano que combatam esse fenômeno.

A questão da banalidade do mal

A reflexão sobre o mal, primeiramente apoiada na concepção de Kant de mal radical discutida em *As origens do totalitarismo* (ARENDR, 2012), mudou de eixo, passando para a *banalidade do mal* materializada após o julgamento de Eichmann em Jerusalém (SOUKI, 1998). Nessa nova empreitada analítica, Eichmann tornou-se um estudo de caso. Trata-se de um sujeito que integrou o corpo de oficiais nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

O sujeito histórico Adolf Eichmann viveu um período marcado por instabilidade política, econômica e social. As pessoas em busca da segurança econômica, da carreira e do bem-estar emocional abdicavam de sua liberdade política. A ação, nos moldes de Arendt, havia se perdido nos regimes fascistas. Concomitantemente, “o fascismo deu destaque ao imenso poder do irracional; humilhou os liberais, dando-lhes uma consciência permanente das limitações da razão e da fragilidade da liberdade” (PERRY, 2015, p. 566). Enterrando a liberdade política e, também, a faculdade do pensamento.

O aterramento era feito por meio de condicionamentos, o exemplo de maior relevância para compreender Eichmann está na propaganda nazista: “Essa buscava condicionar a mente a reverenciar o Führer e obedecer ao regime. Seu objetivo era privar os indivíduos da capacidade de pensar por si próprios” (PERRY, 2015, p. 582). Nesse cenário, no qual as faculdades espirituais estavam regidas pelo Estado e a ação, política e liberdade foram deturpadas, nasceu um novo fenômeno: a *banalidade do mal* (ARENDR, 1999, 2017).

Arendt (1999, p. 310) afirma que “quando falo da banalidade do mal, falo num nível estritamente factual”. Portanto, ela toma Eichmann como estudo de caso e reitera: “aquilo com que me defrontei, entretanto, era inteiramente diferente e, no entanto, inegavelmente factual” (ARENDR, 2017, p. 18). A *banalidade do mal* surgiu no início do século XX, período no qual os Estados totalitários moldavam as mentes e ações dos sujeitos; deturpavam não somente a vida política, mas também, a vida espiritual.

Diz-se que os atos de Eichmann não condiziam com sua personalidade. “Os atos eram monstruosos, mas o agente — ao menos aquele que estava em julgamento — era bastante comum, banal, e não demoníaco ou monstruoso” (ARENDR, 2017, p. 18). Ao

evidenciar o sujeito, autor de tantos atos monstruosos como alguém banal, Arendt expressa o fundamento de sua reflexão: “A crueldade, portanto, não é exclusividade do homem mau, como confortavelmente podemos ser levados a crer” (BUENO, 2014, p. 18). A crueldade pode existir em todos, em pessoas normais e comuns, basta enterrar nossa faculdade de pensar o mundo ao nosso redor criticamente e deturpar a ação.

A deturpação da atividade do pensar condiz com a característica notória, enfaticamente apontada em Eichmann por Arendt, a irreflexão, ou seja, “sua quase total incapacidade de olhar qualquer coisa do ponto de vista do outro” (ARENDR, 1999, p. 60). A faculdade do pensar foi abolida, deixou de ser questionadora da realidade para servir apenas de escape dela e, assim, enganar a si mesma. Adolf Eichmann “mandava” as pessoas para câmaras de gás não porque fosse mal ou porque fosse uma pessoa ignorante, mas por pura irreflexão e ausência de pensamento (ARENDR, 1999). Ele não havia esquecido as “boas maneiras e os bons hábitos” e não era estúpido no sentido de não compreender um diálogo, era apenas um homem banal que não problematizava a sua realidade.

Todavia, “a ausência de pensamento pode ter consequências catastróficas, como mostra o caso de Eichmann, o próprio pensar também não está isento de perigos” (ALMEIDA, 2010, p. 856). Isso se deve ao fato de muitos intelectuais terem apoiado o regime nazista, como é o caso de Heidegger. Deste modo, a *banalidade do mal* não é um fator de deturpação, unicamente, das faculdades espirituais (do mundo espiritual), mas também do mundo das aparências. Essa deturpação está diagnosticada em aspectos que transcendem Eichmann, passíveis de serem percebidos quando se define sujeito e contexto como indissociáveis.

Conforme análise anterior, “o totalitarismo mostra, portanto, como no extremo, a lógica ideológica pode levar à extinção da liberdade não só da ação, mas também do pensamento, em nome de uma suposta ‘verdade’” (ALMEIDA, 2010, p. 863). E, concordando com Novaes (2017, p. 76), “a destruição do ser humano era a realização do mal sem um motivo compreensível”. Desponta, assim, um mal que não está calcado na vingança ou na busca de vantagens econômicas, mas na simples destruição do ser humano.

Podemos caracterizar a *banalidade do mal* como “facilidade, rapidez, superficialidade que não constituem todos os seres humanos como muitos imaginaram” (NOVAES, 2017, p. 83). Somente aqueles que fogem da realidade se negam a refletir sobre ela e abrem mão da *vita activa*. Trata-se de um conceito cunhado para expressar

reflexão e explicação sobre como a violência se tornou banal na sociedade moderna do início do século XX, e como pessoas comuns e filósofos acabam contribuindo para a perpetuação de crimes pelo simples fato de não agirem ou não refletirem. Arendt (1999, p. 65) aponta que:

Bastava a Eichmann lembrar o seu passado para se sentir seguro de não estar mentindo e de não estar se enganando, pois ele e o mundo em que viveu marcharam um dia em perfeita harmonia. E a sociedade alemã de 80 milhões de pessoas se protegeu contra a realidade e os fatos exatamente da mesma maneira, com os mesmos auto-engano, mentira e estupidez que agora se viam impregnados na mentalidade de Eichmann.

Noutras palavras, os crimes e a perpetuação deles recebem, na era moderna, uma capa que os traveste como acontecimentos “normais” e, assim, vão adiante sem a reflexão da sociedade. Não se trata de um conceito generalizador e sim de uma expressão explicativa e caracterizadora de fenômenos. No mundo analisado por Arendt, Milovic (2014, p. 6) indica que:

Tantos crimes, mas quase sem culpados. O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a consequência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou.

A *banalidade do mal* expressa não um julgamento moral, mas a irreflexão, a ausência de pensamento e a negação da ação, versando sobre violência naturalizada e crimes sem julgamentos. Trata-se de uma deturpação das atividades espirituais e da esfera pública, da liberdade política, da política em si e da ação, pois a união se perde e o senso de preservação do mundo sem distinção de raça, classe, religião ou *status* social é abolido. De acordo com Souki, (1998, p. 104)

A questão do mal não é, assim, uma questão ontológica, uma vez que não se apreende uma essência do mal, mas uma questão da ética e da política. [...] O problema do mal sai, verdadeiramente, dos âmbitos teológico, sociológico e psicológico e passa a ser focado na sua dimensão política.

Assim, após delinear a concepção de Educação e de *banalidade do mal*, passa-se a explorar a possibilidade de combater o fenômeno do mal por meio da Educação. Ressalta-se que não se buscará afirmar uma doutrina ou modelo pronto de Educação, assim como metodologias de ensino. O que se almeja é uma reflexão que colabore com pesquisas educacionais que se pautem em Hannah Arendt.

O pensar como possibilidade educativa diante da *banalidade do mal*

Dentro do pensamento arendtiano, a vida do espírito explica a vida interna do Ser. Dividida em três atividades espirituais básicas/autônomas, quais sejam, pensar, querer e julgar. Elas “não podem ser derivadas uma das outras e, embora tenham certas características comuns, não podem ser reduzidas a um denominador comum” (ARENDDT, 2017, p. 87). Pelo interesse dessa pesquisa, o pensar se torna a atividade espiritual principal no combate à *banalidade do mal*.

O pensar utiliza a linguagem para tornar-se manifestável e é responsável por refletir, problematizar e perceber o mundo. Porém, o “pensar não garante absolutamente qualquer melhoria aplicável” (NOVAES, 2017, p. 58), ou seja, não executa uma ação, apenas serve de fundo para iniciá-la. Na prática, “pensar significa que temos de tomar novas decisões cada vez que somos confrontados com alguma dificuldade” (ARENDDT, 2017, p. 199). Diante de dificuldades, resgatamos exemplos vividos e engendramos a partir deles um processo de reflexão que tem por objetivo dar significado a eventos, para assim procedermos diante de problemas imediatos. De modo que “o pensar parte da experiência concreta, mas precisa distanciar-se dela para submetê-la à reflexão, ou, nas palavras de Arendt, precisamos ‘parar para pensar’” (ALMEIDA, 2010, p. 857).

Interessante que o pensamento está diretamente ligado às experiências concretas no mundo, ou seja, a atividade espiritual do pensar se desenvolve a partir de eventos concretos. Com inúmeras experiências, o pensamento acaba por generalizar e comprimir particulares numa ótica panorâmica (ARENDDT, 2017). Trata-se da característica da generalização específica e definidora do pensar, a qual faz ter um potencial de alcance temporal significativo, ou seja, um evento vivido hoje pode ter seu significado traçado apenas daqui a dez anos.

Agora, considerando que o ponto chave do conceito da *banalidade do mal* é a ausência de pensamento (ARENDDT, 1999, 2017; SOUKI, 1998), uma Educação de cunho arendtiano, que preze pela preservação do mundo, precisa fortalecer o pensar. Tendo em vista que o pensamento tem a “capacidade de romper com o cotidiano, uma descontinuidade própria da vida humana, uma parada, uma re-flexão, o ato de voltar-se sobre os acontecimentos a fim de dar significados” (ANDRADE, 2010, p. 121), ele acabará por combater a *banalidade do mal*.

Comentando o pensamento de Arendt, Almeida (2010, p. 864) afirma que:

Não podemos ensinar a pensar, não há métodos ou regras que possamos transmitir. O que, contudo, podemos fazer é compartilhar o sentido que atribuímos às experiências e aos pensamentos, e que queremos legar aos mais novos.

Assim, desponta na Educação o veículo fundamental no legado dos sentidos. Mais do que um simples legar, a educação que tenha como ponto principal o compartilhamento de sentidos atribuídos a experiências vividas, acaba por levar ao fortalecimento do pensamento.

Hannah Arendt (2017, p. 214) afirmou que:

Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos.

A fim de evitar sujeitos que percam sua singularidade, sua capacidade de ação, de pensar, de refletir, de problematizar; a fim de evitar casos em que condutas generalizas banalizem a morte de vidas humanas, naturalizem a violência e submissão de sujeitos; a fim de combater a *banalidade do mal*, uma educação voltada para o pensar é fundamental.

Sendo assim, “o pensar e o refletir, nesse ponto de vista [na Educação], são flores que às vezes nascem no deserto” (SILVA, 2015, p. 158). Desabrochar flores na educação é combater a *banalidade do mal*. É uma prova de que amamos o mundo e assumimos a responsabilidade por ele. “Educar para e no pensamento é colocar-se no campo das possibilidades, e não das certezas” (ANDRADE, 2010, p. 124). Trata-se de uma aposta a partir da reflexão de Hannah Arendt, uma aposta na preservação do mundo e no combate aos fenômenos como o holocausto. O veículo para a aposta: a Educação.

Considerações finais

Ao longo dessa pesquisa exploratória, concluiu-se que a Educação pautada na atividade espiritual do pensar combate a *banalidade do mal*. Combate que se mostra nítido quando revelado o fundamento da atividade educativa arendtiana e da *banalidade do mal*. A primeira tem como ponto-chave a introdução das crianças ao complexo da *vita activa*, possibilitando seu segundo nascimento (singularidade) e atribuindo responsabilidade na proteção do mundo. O segundo, por sua vez, é desencadeado pela ausência de pensamento e irreflexão, tendo como consequência a destruição do mundo e dos sujeitos. Enquanto a ação educativa arendtiana preza pela segurança e continuidade

do mundo, a *banalidade do mal* se dirige no sentido oposto. Porém, a ação educativa e a banalidade do mal inevitavelmente acabam se confrontando. Nesse *confronto*, o pensar incorporado na Educação faria frente ao fenômeno do mal. Tal deve-se a sua característica intrínseca, que é problematizar e refletir a realidade.

Sendo assim, respondendo à problemática apresentada, automaticamente os pressupostos teóricos são reafirmados. O pensar é uma possibilidade no combate à *banalidade do mal*; e os três temas (Educação, pensar e *banalidade do mal*) estabelecem ligações. Nos campos investigativo e reflexivo despontam questões pertinentes para a rede de conceitos do pensamento de Arendt, assim como para repensar os princípios básicos da educação no tempo hodierno.

A Educação que pretenda atingir a conservação do mundo, manutenção da comunidade, que atribua sentido às experiências e encarregue os sujeitos de responsabilidades e deveres, deve considerar o ato de pensar uma ferramenta para atingir tais objetivos. A *banalidade do mal*, com todo o potencial destrutivo de sujeitos, enfraquece diante da reflexão e poderá ser combatida pela Educação voltada para o pensar.

Referências

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 853-865, set./dez. 2010.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt**: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtiana. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 13, jan./abr. 2010, p. 109-125.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARENDR, Hannah. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Trad. Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena franco Martins. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ARENDR, Hannah. **Eichmnam em Jerusalém**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDR, Hannah. **El concepto de amor em San Agustín**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André de Macedo Duarte. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUENO, Roberto. Pensando a responsabilidade sobre o mal: reflexão sobre a barbárie. *In: CONGRESSO DE FILOSOFIA MORAL E POLÍTICA CONTEMPORANEIDADE – SOBRE RESPONSABILIDADE, III., Anais[...]*, Pelotas, 2014, p. 15-37. Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br/publicacoes/2-anais-sobre-responsabilidade-contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Política e educação em Hannah Arendt: distinções, relações e tensões. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 813-828, jul./set. 2014.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 83-112.

LEITE, Marcela Barbosa. O lugar da Educação no Pensamento de Hannah Arendt. **Diálogos: Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, v. 1, n. 7, p. 76-87, 2012.

MILOVIC, Miroslav. Contemplar para compreender, entender a si mesmo para fazer o bem. [Entrevista concedida a] Márcia Junges e Ricardo Machado. **IHU On-Line**, n. 438, p. 5-11, 24 mar. 2014.

NOVAES, Adriana Carvalho. **Pensar sem apoios: Hannah Arendt e a vida do espírito como política do pensar**. 2017. 137f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PERRY, Marvin. A Era do Fascismo: ataque à razão e à liberdade. *In: PERRY, Marvin. Civilização ocidental: uma história concisa*. Trad. Waltensir Dutra, Silvana Vieira. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015, p. 565-604.

PETRY, Cleriston. A “ação educativa” em Hannah Arendt. **Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul**, v. 24, n. 1, p. 1-21, 2019.

SAADITOSI, Lamia Jorge. A banalização da violência e o pensamento de Hannah Arendt: um debate ou um combate? **Revista LEVS/UNESP**, Marília, n. 19, p. 131-159,

maio 2017. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/search/authors/view?firstName=Lamia%20Jorge&middleName=&lastName=SAADI%20TOSI&affiliation=UNESP%20%20Faculdade%20de%20Filosofia%20e%20Ci%C3%A4ncias.%20Revista%20LEVS&country=BR>. Acesso em: 24 set. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Micael Rosa. Educar para o pensar: uma proposta arendtiana. *In*: ENCONTRO DE EGRESSOS E ESTUDANTES DE FILOSOFIA DA UEL, VI., CICLO HANNAH ARENDT, – BRASIL/VENEZUELA, VI., JORNADA SOBRE ENSINO DE FILOSOFIA, I., **Anais[...]**, Londrina, 2015, p. 151-160.

SILVA, Ricardo George de Araújo. A responsabilidade pelo mundo: o papel da política e da educação. *In*: ENCONTRO E IV CICLO HANNAH ARENDT: POR AMOR AO MUNDO, VII., **Anais[...]** Londrina, 2013, p. 253-260.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.